

## A DIFERENÇA ENTRE GEMEINSCHAFT, GESELLSCHAFT E VEREIN [COMUNIDADE, SOCIEDADE E ASSOCIAÇÃO] EM MARX

Jadir Antunes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Resumo:** Nosso artigo pretende mostrar a diferença conceitual de dois termos filosóficos distintos empregados por Marx em *O Capital* para se referir às formas econômicas produzidas pela história: *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. Em nosso artigo, pretendemos mostrar que Marx conhecia bem a diferença terminológica e conceitual destes termos e que para falar da sociedade do futuro empregava um terceiro termo distinto, chamado de *Verein* [clube ou associação].

**Palavras-Chave:** Karl Marx 1818-1883; Comunismo; Comunidade; Sociedade.

**Abstract:** Our article intends to show the conceptual difference of two different philosophical terms used by Marx in *The Capital* to refer to the economic forms produced by history: *Gemeinschaft* and *Gesellschaft*. In our article, we intend to show that Marx was well aware of the terminological and conceptual difference of these terms and that to speak of the society of the future he employed a third distinct term called *Verein* [club or association].

**Keywords:** Karl Marx 1818-1883; Communism; Community; Society.

### INTRODUÇÃO

Ferdinand Tonnies (TONNIES, 1922), em sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft*, foi quem mais decididamente ressaltou a presença da oposição entre dois termos conceituais na história do pensamento filosófico ocidental, *Comunidade e Sociedade*, que definiam os modos fundamentais de sociabilidade produzidos historicamente pelo homem. Nosso artigo pretende mostrar a presença destes termos opostos no pensamento de Marx; que Marx conhecia bem a diferença terminológica e conceitual destes termos e que para falar da futura sociedade comunista empregava um terceiro termo distinto, chamado de *Verein* [clube ou associação].

Com o propósito de facilitar a compreensão de nosso problema, estruturaremos nosso artigo do seguinte modo: inicialmente, mostraremos os caracteres genéricos fundamentais de cada um dos conceitos, *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*; em seguida, mostraremos como estes mesmos conceitos aparecem em *O Capital* para, finalmente, explorarmos o significado conceitual do termo *Verein*. Como conclusão, mostraremos que a ideia de que o comunismo estava associado ao termo *Gemeinschaft* e não ao termo

*Verein* deve-se ao predomínio da versão burocratizada e stalinista de comunismo que se desenvolveu no século XX após a ascensão de Stálin ao poder na Rússia Soviética.

## 1. SIGNIFICADO GERAL DO TERMO *GEMEINSCHAFT*

*Gemeinschaft* é um termo que significa comunidade. Comunidade é uma entidade natural cuja causa está na vontade ou propósito da natureza, por isso não pode ser feita nem desfeita conforme a vontade humana. Na *Gemeinschaft*, o Estado é uma grande família, é a família ampliada e a autoridade máxima é o *pater*, uma pessoa individual, viva e sensível.

Na comunidade rege a ausência de igualdade política entre os seus membros, nela os indivíduos são desiguais em direito, capacidade e dignidade. Na comunidade domina a ideia da existência de membros superiores e inferiores: homens e mulheres; senhores e escravos; velhos e jovens; nobres e plebeus; aristocratas e povo; bem-nascidos e mal-nascidos; linhagem divina e linhagem desconhecida. O poder e os cargos públicos, por isso, são distribuídos hierarquicamente segundo a noção de mérito e virtude de seus indivíduos. Na comunidade, os chefes concentram todos os poderes político, militar, civil e religioso, não são eleitos e nem se submetem ao império da Lei – que geralmente não existe. A forma de governo característica da comunidade, por isso, é o despotismo.

Na comunidade o cidadão nunca é uma pessoa abstrata, uma pessoa de direito, com capacidade jurídica e abstraída de seus caracteres individuais ou sociais, o cidadão é sempre um indivíduo concreto e cheio de caracteres pessoais, o cidadão é sempre oriundo das famílias nobres e descendente dos pioneiros da cidade. Escravos, trabalhadores e mulheres nunca são vistos como cidadãos. Na vida comunal, os indivíduos nascem no interior da comunidade e vivem para ela, a comunidade é uma finalidade e os indivíduos são seus instrumentos. Nas formas comunais de vida não existe propriedade privada do indivíduo, nela a propriedade é ora uma propriedade da família, do *pater família*, ou do Estado, a entidade comunitária superior.

Os gregos davam a esta forma de vida comunal o nome de *koinonia* e os alemães o de *Gemeinwesen* ou *Gemeinschaften*. Tanto *koinonia* quanto *gemein* significam comum ou comunidade. Os latinos a chamavam de *communitati* ou *civitatis*.

## 2. SIGNIFICADO DE *GEMEINSCHAFT* PARA MARX

Nos *Grundrisse*, sempre que se refere às formas antigas e primitivas de sociedade, Marx emprega o termo comunidade [*Gemeinschaft*, *Gemeinwesen*; *Gemeinde*], como no caso em que se refere à comunidade antiga [*alten Gemeinwesen*; *antiken Gemeinwesen*; *die Gemeinwesen der Alten*] (MARX, 1987, p. 157; MEW 42, p. 149), ou como quando se refere às primeiras formas de sociedade familiar e tribais como comunidades em suas diferentes formas [*Gemeinwesen in seinen verschiedenen Formen*] (MARX, 1987, p. 04; MEW 42, p. 20). Para se referir, ainda, a estas formas primitivas familiares e tribais, Marx emprega o termo *genossenschaften*, como quando se refere às formas de produção comunitária familiar ou tribal [*Familie oder Stammgenossenschaften*] (MARX, 1987, p. 23; MEW 42, p. 36).

No *Capital*, Marx se refere a essas formas antigas, tais como a família patriarcal, como uma forma da comunidade primitiva [*naturwüchsigen Gemeinwesens*] (MARX, 1988, p. 81; MEW 23, p. 102), e a antiga comunidade indiana [*altindischen Gemeinwesen*; *altindischen Gemeinde*] (MARX, 1988, pp. 50 e 81; MEW 23, pp. 56 e 102). Nos *Grundrisse*, Marx ainda emprega o termo *Gemeinwesen* quando se refere às antigas comunidades eslavas [*slawischen Gemeinwesen*] (MARX, 1987, p. 23; MEW 42, p. 37).

O termo *Gemeinwesen* é empregado por Marx para referir-se às antigas comunidades primitivas, geralmente aquém do mundo ocidental, onde domina o arcaísmo, o patriarcalismo, o despotismo e a propriedade comunal. Os homens estão ainda presos à sua natureza genérica não desenvolvida e a uma série de tradições costumeiras de caráter natural e imutável.

Os organismos de produção da *Gemeinwesen* são organismos bem mais simples e transparentes que o organismo moderno de produção, pois se baseiam na unidade imediata entre produção e consumo, na baixa divisão social do trabalho e na imaturidade do homem individual. O homem individual ainda continua preso ao cordão umbilical natural da comunidade e ao conjunto dos outros homens do mesmo gênero, da mesma família, tribo, etnia, profissão ou casta, em relações diretas e despóticas de domínio e servidão. O homem comunal vive ainda uma vida de limitação social e espiritual seja em relação consigo mesmo seja em relação com a natureza. O homem comunal vive ainda de maneira primitiva, inocente e infantil, vive como servo de uma crença mística e panteísta da natureza e submetido às mais variadas tradições arcaicas, rurais e patriarcais.

A forma predominante da riqueza da *Gemeinwesen* é a forma diretamente útil, concreta e sensível do valor-de-uso, assim como a forma humana predominante é a forma sensível, singular e concreta. Na *Gemeinwesen* se vive eterna e imutavelmente preso ao costumeiro e natural, seja como sapateiro, pedreiro, ferreiro ou qualquer outra atividade sensível. O homem, por isso, não é ainda uma categoria do pensamento, não foi ainda negado pelas abstrações do intelecto, não é ainda um *Arbeiter*, um trabalhador, mas um ser inteiramente concreto, singular e sensível. O indivíduo é aqui um *Eigentümer*, um proprietário e membro de uma comunidade [*Mitglieder eines Gemeinwesens*]. Contudo, o indivíduo não vive ainda para si mesmo, mas para o engrandecimento de uma entidade maior que ultrapassa a ele, a família e a tribo: a entidade comunitária global [*Gesamtgemeindewesens*] (MARX, 1987, p. 434; MEW 42, p. 384).

### 3. SIGNIFICADO GERAL DE GESELLSCHAFT

Na *Gesellschaft*, todos os aspectos encontrados na *Gemeinschaft* são negados e substituídos pelos seus contrários. *Gesellschaft* é um termo que significa sociedade. A *Gesellschaft* é uma entidade artificial cuja causa está na vontade dos indivíduos, por isso pode ser feita ou desfeita conforme esta vontade seja maior ou menor. A sociedade é o resultado da reunião dos indivíduos em torno de um contrato ou interesse comum, por isso findo o interesse põe-se fim ao contrato e à sociedade. A sociedade nasce com os indivíduos e vive para eles, por isso os indivíduos são uma finalidade e o Estado é seu instrumento.

Segundo os laços de sociabilidade, domina na sociedade a ideia de que tais laços são o produto do artifício humano, tais como uma união comercial, uma aliança militar e um contrato de compra e venda. Na sociedade domina a abstração das diferenças, a atomização individual e a indiferença natural dos indivíduos entre si. A sociedade está baseada na abstração das diferenças naturais e na ideia de igualdade abstrata entre os indivíduos, os indivíduos são vistos como naturalmente iguais, autônomos e autossuficientes em si mesmos e só se associam com outros homens pela conveniência da associação. Afastada a conveniência, os indivíduos prefeririam uma vida isolada e distante da convivência com outros homens.

Enquanto na *Gemeinschaft* a comunidade predomina sobre o indivíduo e nega a ele o direito e a possibilidade de uma vida privada, na sociedade a liberdade é compreendida como a ausência de impedimentos externos ao livre movimento das

paixões individuais. Ser livre é não ser impedido de realizar os prazeres, os desejos, a libido, a vontade e as paixões individuais e privadas. Ser livre é não estar impedido por nada nem por ninguém de executar livremente as forças individuais e privadas para o trabalho, o comércio, o ganho, a acumulação, a riqueza e a ciência.

Na sociedade rege a ideia de que o Estado surge como produto da vontade e do interesse dos indivíduos e para garantir certos direitos individuais naturais que são anteriores ao próprio Estado. O Estado é uma máquina burocrática e administrativa feita pelas mãos e cérebros do homem que não visa à virtude e à excelência, mas à liberdade, à propriedade, à prosperidade, à felicidade e ao bem estar dos indivíduos na sua vida privada.

Segundo o conceito de cidadão, na sociedade o cidadão é sempre uma pessoa privada e abstrata, uma pessoa jurídica, com direitos regulados e garantidos pela lei. O cidadão é uma pessoa de direito abstraída de qualquer traço ou caráter pessoal e natural. O cidadão não é este ou aquele nem possui este ou aquele caráter. O cidadão é sempre uma pessoa privada igual, indeterminada e impessoal.

A esta forma de associação, os gregos davam os nomes de *symmachia*, *nomikon*, *homologia* ou *synthêkê*, que podem ser traduzidos por aliança, convenção ou contrato [que liga dois ou mais indivíduos ou Estados], ou por acordo [de submissão entre dois desiguais; entre o cidadão e a cidade; ou o cidadão e as leis; entre dois Estados]. Os alemães dão a ela o nome de *Gesellschaft*. *Gesellschaft* geralmente é empregado com o significado de companhia [*Gesell* = companheiro], especialmente no sentido comercial do termo. Os latinos a chamavam de *Societās* e os ingleses a chamam de *Society*, ambos com o sentido de associação, liga, coalizão ou aliança. Na língua latina *Gesellschaft* tem o sentido negativo de *turba* ou *multitudo* [multidão]. A *Gesellschaft* seria, assim, a forma de associação própria da turba e da multidão – daqueles indivíduos privados e atomizados que são a pura diferença e não possuem nada em comum.

#### 4. SIGNIFICADO DE *GESELLSCHAFT* PARA MARX

Nos *Grundrisse*, sempre que se refere à sociedade moderna Marx emprega o termo *Gesellschaft*, como quando se refere diretamente à sociedade burguesa [*bürgerliche Gesellschaft*], à moderna sociedade burguesa [*moderne bürgerliche Gesellschaft*], sociedade moderna [*moderne Gesellschaft*], sociedade moderna industrial [*modernen industriellen Gesellschaft*] e sociedade da livre concorrência [*Gesellschaft der freien*

*Konkurrenz*] (MARX, 1987, Introdução e Capítulo do Dinheiro; MEW 42). Nos *Grundrisse*, o termo sociedade é empregado ainda para referir-se à Idade Média e ao feudalismo, como as formas de sociedade feudal [*feudalen Gesellschaftsformen*] (MARX, 1987, p. 03; MEW 42, p. 19), e ao caso dos judeus que habitam os poros da sociedade polonesa [*polnischen Gesellschaft*] (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93).

No *Capital*, o termo sociedade é empregado para referir-se diretamente à sociedade capitalista [*kapitalistischen Gesellschaft*] (MARX, 1988, p. 51; MEW 23, p. 58), ou então para referir-se à sociedade de produtores de mercadorias [*Gesellschaft von Warenproduzenten*] (MARX, 1988, p. 50; MEW 23, p. 56). No *Capital*, o termo sociedade é empregado ainda para se referir à sociedade grega [*griechische Gesellschaft*] (MARX, 1988, p. 62; MEW 23, p. 74).

O termo *Gesellschaft* é empregado por Marx, como podemos ver, todas as vezes em que se refere às sociedades ocidentais já desenvolvidas historicamente, tais como Grécia e Roma antigas, a Idade Média e a sociedade moderna capitalista. Estas sociedades são concebidas, especialmente a sociedade moderna, como sociedades cujos membros se ligam a ela exteriormente, através dos laços da troca. São sociedades cujos laços de sociabilidade são invisíveis e inconscientes, são *nexus rerum* (MARX, 1987, p. 157; MEW 42, p. 149), são laços sociais abstratos e genéricos, são laços metálicos estranhados e fora de controle dos produtores diretos da riqueza, passando pelas costas e acima da cabeça dos produtores como relações entre coisas e categorias abstratas do pensamento, como *Gedankendingen*.

Como percebe Marx, a *Gesellschaft* é uma forma de sociedade onde já predomina a forma privada de propriedade, a individualidade abstrata fundada nesta propriedade, a ausência e o desprendimento de laços comunitários naturais e a livre concorrência entre os indivíduos. O homem aqui já vive como homem individual e atomizado em suas relações com os outros homens do mesmo gênero. Suas relações sociais são relações abstratas, impessoais e interesseiras. Cada um dos indivíduos desta sociedade serve apenas como simples meio para a consecução dos fins gerais privados e iguais. Ainda que cada um à sua maneira, todos os indivíduos perseguem os mesmos fins gerais, abstratos e iguais: o ganho e o enriquecimento material pessoal. A comunidade real destes homens é, por isso, carregada no bolso individual de cada um. É com esta comunidade reificada que os homens se relacionam como homens socializados. A forma predominante da riqueza da *Gesellschaft* é, por isso, a forma abstrata, não útil e genérica do dinheiro, assim como a forma humana predominante é a forma da pessoa abstrata, genérica e social.

Na *Gesellschaft* não se vive a singularidade e o sensível, não se vive como pedreiro, sapateiro ou carpinteiro, como na *Gemeinschaft*, mas como homem genérico e abstrato, como vendedor, comprador ou trabalhador assalariado. O homem já não é mais um ser singular e sensível, mas sim, uma categoria do pensamento, uma *Gedankendingen*, um ser já esvaziado e negado pelas abstrações do intelecto e do progresso material. O homem já é uma categoria econômica e jurídica, já é uma pessoa, um ente universal e abstrato que vive apenas para si mesmo, para seu próprio engrandecimento material. A *Gesellschaft*, por isso, é o mundo da personalidade universal e abstrata do direito e da pessoa jurídica. O cristianismo, pelo seu culto do homem abstrato, surge, por isso, como a religião oficial desta sociedade.

## 5. SIGNIFICADO DE *VEREIN* PARA MARX

O termo *Verein* deve ser traduzido como clube ou associação e aparece no final do primeiro capítulo do Livro Primeiro de *O Capital*, onde Marx, após criticar o fetiche da mercadoria fala da hipotética sociedade do futuro.

Como diz ele ali (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 92):

Imaginemos, finalmente, para variar, uma associação de homens livres [*einen Verein freier Menschen*], que trabalham com meios de produção comunais [*gemeinschaftlichen Produktionsmitteln*] e despendem suas numerosas forças de trabalho individuais conscientemente como uma única força social de trabalho.

Nessa imaginária sociedade do futuro, os produtores livremente associados tomam em suas mãos todas as decisões relacionadas à produção material: o que, quanto, como e para quem produzir. Os produtores regulam conscientemente, sensivelmente, através de um plano coletivo, quais ramos da produção serão desenvolvidos e quais necessidades sociais serão atendidas. O produto não será uma mercadoria e não haverá, portanto, o desdobramento dilacerante entre valor-de-uso e valor, produção e mercado, mercadoria e dinheiro, concreto e abstrato, sensível e suprassensível e assim por diante. A produção será, desse modo, ligada diretamente ao consumo sem a mediação tortuosa do ente mercado.

Como diz Marx (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93):

O produto total da associação [*des Vereins*] é um produto social. Parte desse produto serve novamente como meio de produção. Ele permanece social, mas parte é consumida pelos membros desta associação [*den Vereinsglieder*] como meios de subsistência. Por isso, tem de ser distribuída entre eles.

Nessas condições de produção, nenhum abalo pode ocorrer à produção decorrente de uma produção desmedida de riqueza. A abundância de produtos é antes, muito mais, sinônimo de riqueza e bem-estar social que miséria e sofrimento para os produtores diretos. Essa distribuição da riqueza coletiva não adquire nenhum caráter metafísico e enigmático, porque ela não se define mais a partir das relações de valor. Essa distribuição não se realiza como um *quiproquó* por trás da consciência e dos sentidos dos produtores, ela agora se realiza sob uma forma histórica superior nada complicada e tortuosa. Os próprios produtores a regulam previamente. “*O modo dessa distribuição variará com a espécie particular do próprio organismo social de produção e o correspondente nível de desenvolvimento histórico dos produtores*”, diz Marx (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93).

Sob as relações de produção capitalista, os produtos se distribuem entre os diferentes produtores diretos regulados pelo valor da força de trabalho de cada produtor. Isto é: na sociedade capitalista, o produtor direto recebe ao final da produção apenas o equivalente ao valor de sua força de trabalho. O excedente pertence ao patrão. Numa sociedade de produtores livremente associados, este excedente pertenceria à sociedade.

No mundo da mercadoria, o poder de distribuir as diversas capacidades produtivas entre os distintos ramos da produção pertence ao capitalista. Numa sociedade de produtores livremente associados, esse poder pertenceria ao trabalhador coletivo. Nessa sociedade, a totalidade da força de trabalho disponível seria distribuída entre os vários ramos da produção, segundo as necessidades previamente vividas e sensivelmente conhecidas da sociedade.

Na sociedade capitalista, o tempo dedicado ao trabalho é regulado pela duração da jornada de trabalho, e esta é regulada por leis que o trabalhador não controla. Na hipotética sociedade planejada do futuro, o tempo de trabalho dedicado por cada trabalhador individual seria determinado pela soma das necessidades gerais da sociedade. Como diz Marx, “*sua distribuição socialmente planejada regula a proporção correta das diferentes funções de trabalho conforme as diversas necessidades*” (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93).

Na sociedade capitalista, a participação do trabalhador nos frutos do trabalho está determinada pelo tempo de trabalho que custa manter vivo este trabalhador e não pela duração da jornada de trabalho. Numa sociedade de livres produtores associados, essa participação seria regulada pela duração da jornada diária de trabalho. Como diz Marx, nessa sociedade, “*o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida da participação*

*individual dos produtores no trabalho comum e, por isso, também na parte a ser consumida individualmente no produto comum*” (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93). Por isso, nessa forma comunitária de sociedade, “*as relações sociais dos homens com seus trabalhos e seus produtos de trabalho continuam aqui transparentemente simples tanto na produção quanto na distribuição*” (MARX, 1988, p. 75; MEW 23, p. 93).

Nesse novo mundo não haverá mais a predominância do tempo de *chronos*, mas sim, o tempo de *kairós*. O tempo como medida do valor da riqueza será totalmente abolido, pois agora o único valor determinante da riqueza será seu valor-de-uso, pois o valor de uso da riqueza não mantém nenhuma relação com a duração do tempo que custa para ser produzido, pois o valor-de-uso de um produto é sempre o mesmo, custando mais ou menos trabalho.

Os valores de uso neste novo mundo terão seu tempo de produção medido pelo tempo do artista, pelo tempo que custa para produzir a melhor e mais bela obra de arte produzida pelas mãos humanas. O frenesi e a tortura da pressa e da rapidez, próprias do mundo de *chronos* e da mercadoria, serão, por isso, totalmente abolidos nesse novo mundo.

Nesse novo mundo se viverá, então, o tempo de *kairós*, o tempo próprio da vida e da experiência dos sentidos, o tempo da imaginação, da arte e da poesia. A esse novo mundo, Marx dá o nome de associação de homens livres [*Verein freier Menschen*]. *Verein* é um termo que pode ser traduzido por clube ou associação. É importante observar que Marx não se refere a essa sociedade do futuro com os termos *Gesellschaft*, sociedade, ou *Gemeinschaft*, *Gemeinde* e *Gemeinwesen*, comunidade.

A futura associação de homens livres não seria nem uma *Gesellschaft* moderna nem uma *Gemeinwesen* antiga, uma *koinonia*, mas uma forma inteiramente nova e revolucionária: *einen Verein freier Menschen*. Na *Verein* do futuro os homens trabalhariam com meios de produção comunais e disporiam de suas forças de trabalho individuais conscientemente como uma única e mesma força social de trabalho. O produto total desta *Verein* seria um produto social [*gesellschaftliches Produkt*]. Parte deste produto seria consumida como meio de produção e parte seria consumida como meio de subsistência por seus *Vereinsglieder*, os membros conscientemente associados deste clube social do futuro.

Marx não afirma, nem mesmo insinua, que a forma social do futuro seria resultado de uma mistura, ou de uma síntese intelectual, mística e dialética, entre a *Gemeinwesen* antiga e a *Gesellschaft* moderna. Nos *Grundrisse* Marx já alertara sobre seu repúdio ao

método de se resolver os problemas da história humana à maneira de Proudhon, resolvendo-os na forma de uma Mitologia, ou de uma Filosofia da História (MARX, 1987, p. 04; MEW 42, p. 20). Mas já é possível perceber, porém, os traços gerais próprios e únicos desta sociedade do futuro.

É possível ver que os membros individuais desta *Verein* não são membros abstratos e totalmente desprovidos de laços comunitários e cooperativos entre si, não são agentes presos a laços patriarcais e naturais despóticos, eternos e imutáveis entre si, não vivem uma vida de adoração e panteísmo místico com a natureza, não vivem presos a ela como sujeitos infantis e imaturos. Nesta *Verein* do futuro, é possível ver que os indivíduos não vivem relações de dominação diretamente pessoais e despóticas como na *Gemeiwesen* nem relações sociais genéricas, abstratas e impessoais como na *Gesellschaft* moderna.

Os membros individuais desta *Verein* do futuro não são agentes inconscientes realizadores de metas que não sejam as suas próprias, mas sujeitos livres e conscientes que se associam espontaneamente para realizar os mais diversos e variados fins concretos, sensíveis, produtivos e artísticos imanentes ao existir diferente, plural e múltiplo do ente humano. A *Verein* é uma associação humana que mais do que pretender viver a vida simplesmente pretende viver a vida enquanto homem.

## CONCLUSÃO

Como podemos ver, para Marx o comunismo do futuro não seria nem uma *Gemeinschaft* nem uma *Gesellschaft* mas uma *Verein*, um clube ou associação de homens livres [*einen Verein freier Menschen*], cuja finalidade seria o gozo e o desfrute prazeroso da vida.

A ideia de que o comunismo do futuro seria uma única e imensa *Gemeinschaft* não pode ser encontrada em nenhum dos textos de Marx, o qual, inclusive, nunca define com precisão o que seria este comunismo do futuro. O modelo da *Gemeinschaft* seria a forma predominante daquilo que Marx chamava de comunismo primitivo – encontrada ainda em todas as formas de sociedade pré-capitalistas, especialmente nas não europeias, como as sociedades russa, indiana e oriental.

A ideia de que o comunismo do futuro seria uma grande *Gemeinschaft* tem origem no stalinismo e na série de revoluções anticapitalistas surgidas na Ásia e no Oriente no século XX – especialmente na Rússia e na China. Nestes países já predominavam, antes

ainda da revolução, estruturas arcaicas de produção e políticas típicas do modelo comunitarista, como no caso do czarismo russo, que se mantiveram em pé mesmo após a revolução, tais como a diferenciação e a hierarquização das funções, a ausência de liberdades individuais e democráticas e a predominância das estruturas burocráticas e despóticas de poder sobre a vida dos indivíduos.

A associação dessas revoluções e de suas estruturas totalitárias de poder com o marxismo de Marx, o fim dos direitos políticos, das liberdades individuais, da diversidade da vida e da imposição de um modo igualitarista, e comunitarista, para todos os indivíduos não encontra nenhuma sustentação nos textos de Marx.

Tal associação foi produto dos interesses ideológicos daquelas camadas parasitárias e burocráticas que se instalaram no poder após as revoluções. Estas camadas viam no marxismo, num marxismo dogmático e doutrinário produzido por estas próprias camadas, o modelo teórico mais adequado a uma justificação filosófica daqueles regimes totalitários.

Esta associação do comunismo com aqueles regimes, e com a ideia de que o marxismo seria uma variante moderna e desenvolvida daqueles velhos ideais totalitários produzidos pelos teóricos do modelo comunitarista, modelo que poderia ser mais eficiente em certos aspectos técnicos e econômicos, porém, à custa de um importante valor conquistado pela história europeia, o valor da subjetividade, da liberdade e da individualidade humana, fez com que a grande maioria da intelectualidade esclarecida europeia e americana rejeitasse o marxismo como o diabo rejeitaria a figura da cruz.

Marx nunca defendeu o modelo comunitarista como o modelo típico do comunismo do futuro. Sua ideia de comunismo se assemelhava à ideia da existência de uma incontável quantidade de clubes e associações [produtivas, esportivas, artísticas e culturais] formados por indivíduos livres e esclarecidos, que entrariam e sairiam dessa associação como quem entra e sai livremente de um clube. Seria nessas mais variadas formas de associação, nessas múltiplas e incontáveis *Vereins*, que os homens do futuro produziram e viveriam suas vidas em toda a sua plenitude e concretude possíveis.

## BIBLIOGRAFIA

MARX, Karl. *Grundrisse: Elementos Fundamentales para la crítica de la Economía Política* [borrador 1857-58]. Volume I. 15ª edição. México: 1987. MEW – Marx Engels Werke - Band 42. Berlim: Dietz Verlag, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política. Livro I. Volume I.* Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. *MEW – Marx Engels Werke – Band 23.* Berlim: Dietz Verlag, 1962.

TONNIES, Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft.* Berlim: Karl Curtius, 1922.